



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**Simone Diniz de Araújo Santos**

**A CONTRUÇÃO DO ANTI-HERÓI NA LITERATURA  
CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE *HOSANA NA  
SARJETA*, DE MARCELO MIRISOLA**

Campina Grande-PB

2016

SIMONE DINIZ DE ARAÚJO SANTOS

**A CONTRUÇÃO DO ANTI-HERÓI NA LITERATURA  
CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE HOSANA NA  
SARJETA, DE MARCELO MIRISOLA**

Monografia de conclusão de curso apresentada  
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa - da  
Universidade Federal de Campina Grande, como  
requisito parcial à conclusão do curso.

Orientadora: Professora Dra. Rosângela de Melo  
Rodrigues

Campina Grande-PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S237c

Santos, Simone Diniz de Araújo.

A construção do Anti-Herói na Literatura Contemporânea : um estudo sobre Hosana na Sarjeta, de Marcelo Mirisola / Simone Diniz de Araújo Santos. – Campina Grande, 2016.

47 f. : il.

Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues".

Referências.

1. Anti-herói. 2. Marcelo Mirisola. 3. Hosana na Sarjeta. 4. Autoficção  
I. Rodrigues, Rosângela de Melo. II. Título.

CDU 82-312.9(043)

SIMONE DINIZ DE ARAÚJO SANTOS

**A CONTRUÇÃO DO ANTI-HERÓI NA LITERATURA  
CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE HOSANA NA SARJETA,  
DE MARCELO MIRISOLA**

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Profa. Rosângela de Melo Rodrigues

Orientadora – UFCG

---

Profa. Paloma do Nascimento Oliveira

Examinadora

## DEDICATÓRIA

*Dedico esse trabalho a meu amado filho, João Gabriel, e a meu marido, Tiago Santos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Foi muito motivadora esta pesquisa na minha vida acadêmica, revelando conhecimentos, sonhos a serem conquistados, amizades que irão se eternizar e muito incentivo. Agradeço:

A Deus, por ter me proporcionado força, saúde, fé e autoestima para chegar aos devidos fins.

Aos meus amigos que contribuíram de alguma maneira para minha vida durante esse percurso; aos meus professores e familiares que estiveram presentes em todos os momentos dessa caminhada.

Aos meus pais, Marli Diniz e Evandro de Araújo, que me incentivaram a seguir a carreira acadêmica, e sempre estiveram presentes, motivando e transmitindo força, fé e foco na realização dessa conquista.

Ao meu amado esposo Tiago que esteve sempre do meu lado, me ajudando no que fosse necessário, dando apoio e carinho e especialmente ao meu filho querido, maior motivo de inspiração, em todos os setores de minha vida.

Às minhas irmãs queridas Lizangela, Carla Daniele, Sônia, Rozangela e, especialmente, a Ana Gerlany, companheira de curso, que sempre me deu carinho, atenção e muito apoio nessa concretização.

À minha querida amiga Fabiana de Sousa, que sempre me motivou e soube estender as mãos quando mais precisei. E aos professores, Paloma, Ricardo, Viviam, Aloísio, José Mário, Hélder e Maria Auxiliadora.

A meu tio Renato e meu falecido avô Faustino, que contribuíram nessa caminhada e me ajudaram quando mais precisei.

À minha orientadora professora Rosângela Melo, que foi o maior motivo de inspiração e motivação na realização desse sonho, pelas orientações, paciência e compreensão, e principalmente por assumir essa responsabilidade.

*Não existe falta de tempo, existe falta de interesse.  
Porque quando a gente quer mesmo, a madrugada vira dia.  
Quarta-feira vira sábado e um momento vira oportunidade. (Pedro Bial).*

## RESUMO

Nesta pesquisa buscamos analisar a trajetória do anti-herói Marcelo e a caracterização das personagens e suas funções no romance pós-moderno *Hosana na Sarjeta*, de Marcelo Mirisola. Neste trabalho buscamos também compreender o discurso do narrador que se materializa através de uma linguagem marcada por erudição, humor e obscenidade. Para tanto, realizou-se uma análise minuciosa da obra, observando detalhadamente as questões sociais, os traços de personalidade e o dia-a-dia dessas personagens dentro da obra. Além disso, refletimos sobre a autoficção e a distinção entre herói romântico e herói moderno. Para essas discussões recorreremos a estudos de alguns críticos a respeito da obra: Luciano Trigo (2014), André de Leones (2014), Márcia Denser (2014), Luís Augusto Fischer (2014), dentre outros.

**Palavra-chave:** Anti-herói. Marcelo Mirisola. *Hosana na Sarjeta*. Autoficção.

## ABSTRACT

In this research, we attempt to analyze the journey of the anti-hero Marcelo, the characterization of this character and his functions in the post-modern novel *Hosana na Sarjeta* by Marcelo Mirisola. We also try to understand the narrator's discourse, which is materialized through erudite language, humor and pornography. For that, we did an in-depth analysis of this novel taking into account social matters, personality features and the daily life of the characters in the novel. Besides, we reflected upon autofiction and the distinction between the romantic hero and the modern hero. As a theoretical background we referred to some critics of this novel such as: Luciano Trigo (2014), André de Leones (2014), Márcia Denser (2014), Luis Augusto Fischer (2014) etc.

**Key words:** Anti-hero. Marcelo Mirisola. *Hosana na Sarjeta*. Autofiction

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. CAPITULO PRIMEIRO.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1. Fundamentação Teórica .....</b>	<b>12</b>
<b>3. CAPITULO SEGUNDO.....</b>	<b>19</b>
<b>3.1. Diferença entre o herói-romântico e herói moderno .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2. Análise do romance .....</b>	<b>22</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>

# 1. INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo analisar *Hosana na Sarjeta* (2014), de Marcelo Mirisola. Estudaremos a caracterização do romance contemporâneo que se materializa no discurso do narrador e na construção das personagens, e como se dão os conflitos existências no âmbito efetivo/emocional vivenciado pelo narrador personagem, e será desenvolvida através da realização de uma análise estrutural, com foco no personagem protagonista.

Nosso objetivo geral é analisar a trajetória do anti-herói Marcelo. Para tanto, caracterizaremos os personagens e suas funções na obra; veremos as relações entre as ações externas das personagens e como elas reagem internamente; também estudaremos a linguagem das personagens e os traços da ficção contemporânea.

Marcelo Mirisola nasceu em 1966, na cidade de São Paulo, e passou a infância em Santos. Residiu durante alguns anos em Santa Catarina e no Rio de Janeiro. Formou-se em advocacia, mas não exerceu a profissão; é autor de crônica, novelas, contos, romances e livro infantil. Desde 1990 dedica-se à carreira de escritor e articulista. A partir do ano 1998 estreou na Literatura com as obras: *Fátima fez os pés para mostrar na choperia*, *O herói devolvido* (2000), *Antologias anos 90* (2001) e os romances *O azul do filho morto* (2002), *Bangalô* (2003) e *O banquete* (2003). Também publicou *Joana a contragosto* (2005), *Notas de arrebatamento* (2005), *O homem da quitinete de marfim* (2007), *Proibidão* (2008), *Animais em extinção* (2008), *Memórias da sauna finlandesa* (2009) e *Charques* (2011). Em 2013 publicou *Teco, o garoto que não fazia aniversário* (com Furio Lonza) e *O Cristo empalado* (2013), *Hosana na sarjeta* (2014). Suas últimas produções são os romances *Paisagem sem reboco* (2015) e a *Vida não tem cura* (2016).

Atualmente o escritor encontra-se com 50 anos de idade e tem 18 livros publicados. Divulga textos curtos e folhetins em vários jornais e revistas do país, como a *Cult* e a *VIP*, e participa como colunista fixo em revistas e sites. No *Congresso em Foco* Mirisola divulga crônicas com teor crítico direcionado ao meio literário nacional. Ele está entre o grupo de escritores que marca a literatura Brasileira dos anos 1990 em diante. Seu feito literário caracteriza-se pela combinação entre domínio técnico, humor e ousadia temática. Em seus

livros há uma grande proximidade entre o obsceno e o religioso; declarando ser católico, afirma que para ele o divino é uma coisa que transcende ou que está perto da transcendência, e em seus livros é tão obsceno quanto religioso. Declara que para ser escritor é preciso usar a língua em seus limites, e ter uma intimidade com o idioma, sem medo; por isto ele demonstra estar à vontade com a língua portuguesa, muda-lhe a grafia e adapta as palavras de modo singular em suas obras.

A pesquisa aqui apresentada fundamenta-se em obras de apoio teórico de autores como: Luciano Trigo (2014), André de Leones (2014), Márcia Denser (2014), Luís Augusto Fischer (2014). Além desses, empregamos Rinaldo de Fernandes (2010), Flávio R. Kothe (1987), e Antônio Candido (2002).

A realização desse trabalho é importante pela natureza inédita desse estudo, pois o romance *Hosana na Sarjeta* (2014), de Marcelo Mirisola, que está entre os melhores e mais autênticos autores do país, nunca havia sido estudado antes na UAL. Além disso, vai esclarecer pontos obscuros da Literatura pós-moderna sobre questões culturalistas através do discurso do narrador e das personagens. Essa obra é de fundamental importância para o curso de Letras, pois poderá servir como material de estudo para as disciplinas Ficções Contemporâneas e Teoria da Narrativa. É por essas e outras razões que optamos pela realização desta pesquisa.

O romance *Hosana na Sarjeta* traz um dos maiores exemplos de anti-herói da literatura contemporânea, através das peripécias de um certo MM, que relaciona-se com duas mulheres conhecidas por Paulinha Denise e Ariela. A história inicia-se na frente da lendária boate Kilt, em São Paulo, quando Marcelo convida Paulinha para ir a sua casa. A partir daí ele inicia um romance com ela: “Apesar da breguice, gamei na Paulinha e estava desposto a esquecer o chapéu de poodle que ela aninhava encima da carapinha oxigenada”. Além dessas características, Paulinha Denise também recebia cinco entidades espirituais, dentre as quais se destacavam a cigana Sarah e Tia Alzira, a dengosa.

O protagonista trai Paulinha com Ariela, com quem ele inicia um novo relacionamento. Ariela era o oposto vertiginoso de Paulinha. Casada, traía o marido e apanhava dele por causa disso. Ela era uma mentirosa ambulante, tudo nela era mentira. Mas apesar disso, Marcelo a admirava e inclusive achava que formavam um casal bem divertido.

Além desse relacionamento amoroso vivido com essas duas mulheres, a trama do romance envolve um diamante contrabandeado e uma festa de réveillon no Rio de Janeiro. Nesta festa Paulinha desaparece, e depois a encontram morta com um bilhete endereçado ao protagonista dizendo que fez o que ele pediu e finalizando com um recado: “você nunca vai amar ninguém na vida”. Marcelo fica totalmente desiludido com essa praga lançada pela cigana, mas, mesmo diante dessas lamentações, ele começa a lembrar de Ariela, que reaparece e volta a figurar o cenário de amor do narrador protagonista.

A presente análise é de natureza interpretativa, desenvolvida através da realização de interpretação da trajetória do anti-herói Marcelo. Observaremos as personagens e suas funções na obra, como também a relação entre as ações externa do personagem protagonista e como ele reage internamente. Além disso, discutiremos a linguagem dessas personagens, os traços da ficção contemporânea e a construção do anti-herói na ficção urbana do século XXI.

Inicialmente será feita a apresentação do autor e da obra. Posteriormente apresentaremos análise dos elementos estruturais do romance como: enredo, tempo e espaço. Para a realização desse estudo, consultamos os pesquisadores: Beatriz Resende (2008). Antonio Candido (2002). Também foi contemplada a importância da Literatura no ensino médio de acordo com os PCNs, e finalmente concluímos com o estudo do enredo do romance *Hosana na Sarjeta*, de Marcelo Mirisola.

## **2. CAPÍTULO PRIMEIRO:**

### **2.1.Fundamentação teórica**

A prosa e ficção brasileira contemporânea praticada da metade dos anos 1990 até a primeira década do século XXI nos permite deslocar atenção de modelos, conceitos e espaços que eram familiares até pouco tempo atrás. Nesse campo fértil de estudos deixaremos de lado comodismos literários e buscaremos conhecer termos que vão da antropologia moderna ao vocabulário do misterioso universo da informática. (RESENDE, 2008, p. 17).

Diante dessa produção literária recente, como foi mencionado acima, Resende formula algumas constatações como a fertilidade da forma de expressão entre as pessoas, a qualidade dos textos e o cuidado com a preparação da obra. Constata também a consequência da fertilidade, da juventude e das novas possibilidades editoriais.

Com relação à fertilidade da forma de expressão entre as pessoas hoje, diante do objeto escolhido, apesar das queixas repetidas de que há poucos leitores e que o livro vende pouco, é fácil constatar que se publica muito e novos escritores surgem todos os dias.

A verdade é que os jovens escritores não esperam mais a consagração pela “academia” ou pelo mercado. Publicam como possível, inclusive usando as oportunidades oferecidas pela internet. E mais, formam listas de discussões, comentam uns com os outros, encontram diferentes formas de organização, improvisam-se em críticos. (RESENDE 2008 p.17).

Mediante argumentos supracitados, esses escritores atualmente usam seu próprio discurso, que muitas vezes vem da periferia das grandes cidades, com forte expressão artística que, tendo iniciado seu percurso pela música, chega agora à literatura. Por outro lado, a segunda constatação destacada pela pesquisadora é a que diz respeito à qualidade dos textos e ao cuidado com a preparação da obra. Assim, observa-se que em praticamente todos os textos de autores que estão surgindo revela-se, ao lado da experimentação inovadora, a escrita cuidadosa, o conhecimento das muitas possibilidades de nossa sintaxe e uma erudição inesperada.

A terceira constatação sobre essa reflexão revela-se primeiramente pela consequência da fertilidade, da juventude e das novas possibilidades editoriais, ou seja, a multiplicidade que se torna uma heterogeneidade em convívio, não excludente. Esta característica se revela na linguagem, nos formatos e na relação que se busca com o leitor. Desta forma, observamos que

são múltiplos tons e temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura.

Contudo, ao discutir sobre a obliquidade dos discursos anti-hegemônicos, Resende afirma:

É nessa obliquidade dos discursos anti-hegemônicos que aparecem recursos que dão formas múltiplas a criação literária contemporânea: a apropriação irônica, debochada mesmo, em alguns casos, de ícones do consumo; a irreverência diante do politicamente correto; a violência explícita despida do charme hollywoodiano; a dicção bastante personalizada, voltada para o cotidiano privado; a memória individual traumatizada (...). A arrogância de uma juventude excessiva (...). (RESENDE 2008 p.20).

Segundo Resende (2008), para identificar as possibilidades plurais de nossa prosa de ficção, podemos partir do importante elenco de escritores que tornaram a década de 1990, especialmente a partir da segunda metade, um momento bastante rico, como Milton Hatoum, Rubens Figueiredo, Marçal Aquino, Bernardo Carvalho e Paulo Lins. Podemos citar também Rubem Fonseca, Silviano Santiago e Sérgio Sant’Anna. Esses dois últimos autores são muito importantes, pois servem de exemplo para jovens escritores, mesmo os mais renitentes a “modelos”.

Diante desse elenco de autores tão importante para o surgimento da literatura pós-moderna, não podemos esquecer jamais de frisar que essa ficção é muito importante e merece atenção, pois se trata de uma literatura robusta. A proposta de criação inovadora, como a própria Resende afirma, que tem feito a literatura brasileira viver nas últimas décadas um de seus grandes momentos. Assim, para enfatizar a multiplicidade da literatura brasileira, citamos o grupo de escritores dos anos 1990 – Marcelo Mirisola, Luiz Ruffato, Adriana Lisboa, André Santa’Anna, Marcelo Freire e outros.

É importante destacar as novas relações do livro com o mercado editorial, pois aparecem com maior rapidez quando o autor é editado, seja pela utilização da informática como suporte, seja pela multiplicação de pequenas editoras por todo país. Dentre as possibilidades de utilização da internet como meio de tornar o texto literário público, o uso dos blogs são os que mais provocam debates.

A autora também discute sobre questões dominantes como é o caso da presentificação, a manifestação explícita, sob formas diversas de um presente dominante no momento de descrença nas utopias que remetiam ao futuro, tão ao gosto modernista, e certo sentido intangível de distância em relação ao passado. Na literatura Resende (2008) argumenta que:

A presentificação me parece também se revelar por aspectos formais, o que tem tudo a ver com a importância que vem adquirindo o conto curto ou curtíssimo em novos escritores como Fernando Bonassi e Rodrigo Neves. [...] A presença do trágico nas

sociedades deste momento pós-globalizado não é exclusividade do literário. Está no cotidiano, expõe-se nas mídias, incorporar-se ao vocabulário mais corriqueiro. (RESENDE 2008, p.28-29).

Enfim, a literatura brasileira contemporânea manifesta através de textos uma urgência de uma presentificação radical, pois a preocupação dos escritores deste século concentra-se no presente contrastando com o momento anterior. Dessa forma, esse movimento literário passa a operar “num campo de tensão entre tradição e inovação, conservação e renovação, cultura de massa, e grande arte”.

No que diz respeito à personagem no romance, de acordo com Antônio Candido “o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (Candido, 2002, Pág. 55). Porém, existem afinidades e diferenças essenciais entre o ser e os entes de ficção, e essas diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade. Essa noção de um ser elaborada por outro ser é sempre incompleta, em relação à percepção física inicial. Assim percebemos que o conhecimento dos seres é fragmentário por meio de uma conversa, um ato, uma sequência de atos, uma afirmação. É por isso que esses fragmentos, mesmo quando considerados uma unidade total, não são uno e nem contínuo. Foi por meio dessas evidências que a psicologia moderna aplicou e investigou sistematicamente as noções de subconsciente, que explicariam o que há de insólito nas pessoas que reputamos conhecer e que no entanto nos surpreendem às vezes como se outra pessoa entrasse nelas. Sobre esse momento Candido (2002) enfatiza que:

Esta constatação, mesmo feita de maneira não-sistemática, é fundamental em toda a literatura moderna, onde se desenvolveu antes das investigações técnicas dos psicólogos, e depois se beneficiou dos resultados destas. É claro que a noção do mistério dos seres, produzindo as condutas inesperadas, sempre esteve presente na criação de forma mais ou menos consciente. (CANDIDO 2002. P. 56 a 57).

Com base nesta reflexão, entendemos que a partir de investigações metódicas em psicologia e psicanálise, essa investigação ganhou um aspecto mais sistemático e verticalizado, sem com isso ultrapassar necessariamente as grandes intuições dos escritores que iniciaram e desenvolveram essa visão da literatura.

Contudo, no romance a visão fragmentária é criada, é estabelecida e relacionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. Além disso, graças aos recursos de caracterização

que são utilizados pelo romancista para descrever e definir a personagem, ele é capaz de dar a impressão de que é um ser limitado, contraditório e infinito na sua riqueza.

No romance moderno não foi diferente esse sentimento de dificuldade do ser fictício, pois se procurou diminuir a ideia de esquema fixo, de ente delimitado, que decorre do trabalho de seleção do romancista. Dessa maneira podemos verificar que a marcha do romance moderno foi num rumo de uma complicação crescente da psicologia das personagens, dentro da inevitável simplificação técnica imposta pela necessidade de caracterização.

A partir daí, desenvolve-se uma tendência constante no romance de todos os tempos, isto é, as personagens foram tratadas de dois modos. Primeiramente, como seres íntegros e facilmente delimitáveis, marcados com certos traços que os caracterizam; e depois como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos. Deste ponto de vista, poderíamos dizer que a revolução sofrida pelo romance consistiu numa passagem do enredo complicado, com personagem simples, para o enredo simples com personagem complicado.

Com base nos pressupostos argumentados acima foi possível observar que houve uma evolução técnica no romance através de esforço para compor seres íntegros e coerentes. E nessa técnica de caracterização definiram-se duas famílias de personagens que no século XVIII Johnson chamava “personagens de costumes” e “personagens de natureza”. A primeira é apresentada por meio de traços distintivos, fortemente escolhido e também são personagens considerados muito divertidos; e a segunda é apresentada, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isso impede que tenha a regularidade dos outros. Dessa forma, Candido (2002) afirma sobre a terminologia setecentista de Johnson que:

Pode-se dizer que o romancista “de costumes” vê o homem pelo seu comportamento em sociedade, pelo tecido das suas relações e pela visão normal que temos do próximo. Já o romancista de “natureza” o vê a luz da sua existência profunda, que não se patenteia a observação corrente, nem se explica pelo mecanismo das relações. (Apud. CANDIDO 2002. P. 56 a 57).

Essa distinção foi retomada mais recentemente por Forster de uma forma mais sugestiva e ampla, falando genericamente em “personagens planos” e “personagens esféricos”. Essa primeira qualidade de personagem era chamada temporal e, por vezes, chamada tipos e caricaturas. Portanto, se constroem a partir de uma única ideia ou qualidade, e quando encontramos mais de um valor neles, temos o começo de uma curva em direção à

esfera. Tais personagens são facilmente reconhecíveis sempre que surgem e facilmente lembradas pelo leitor.

Com relação às “personagens esféricas”, estas não são claramente definidas por Forster, e segundo Candido suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões, e são, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. Essas personagens têm em sua essência a imprevisibilidade da vida, ou seja, trazem a vida dentro das páginas de um livro.

Contudo, foi possível observar, segundo Candido, que a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista. Enquanto o romance, no plano crítico, revela aspectos considerados mais importantes para o seu estudo que resultam da análise da sua composição e não da sua comparação com o mundo. Além disso, o romance nos dá uma sensação de poder que proporciona a experiência de “uma raça humana mais manejável e a ilusão de uma perspicácia de poder”. Também podemos saber, através do romancista, as causas e os motivos profundos da ação do ser no romance, pois sua função é estabelecer e ilustrar o jogo das causas, descendo a profundidades reveladoras do espírito.

Por outro lado, ao falarmos sobre o conceito de anti-herói, inicialmente constatamos que ao contrário do modelo de herói clássico, que demonstra o seu caráter íntegro e benévolo arrastando as diversidades com que o destino o põe à prova, o herói pós-romântico e moderno assume as suas fraquezas e vive em conflito interior e em crise de relação com o meio social, sendo por isso denominado de anti-herói. Sua personalidade é realista e promove uma reflexão sobre problemas contemporâneos.

Com base nos argumentos acima destacados é muito importante saber que a personagem anti-herói é recorrente na literatura pós-moderna, justamente pelo fato de transmitir através de sua personalidade um retrato da vida contemporânea onde suas ações são motivadas pelos seus desejos pessoais como vingança. Além disso, ele pode “roubar, vandalizar e fazer coisas más, mas pode fazê-lo por uma boa causa”. Dessa forma, o anti-herói fica numa linha entre o bem e o mal, mas é sempre apreciado pelo seu carisma e, sobretudo por não se preocupar com os meios que utiliza para atingir seus objetivos.

Segundo Rinaldo de Fernandes (2010), o ciclo do Romance de 30 foi um acontecimento notável em nossa literatura, pois escritores nordestinos foram responsáveis por renovar o romance brasileiro, projetando o Modernismo para a problemática social, são eles: Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. Atualmente, autores nordestinos através da tradição de nosso romance regionalista, ainda conseguem manter um diálogo rico, não raro original, como: Antônio Torres, Francisco Dantas, Ronaldo Correia de Brito e Aldo Lopes de Araújo. Após esta fase, a burguesia urbana e sudestina passou a predominar na literatura brasileira.

O pesquisador menciona uma nota importante divulgada pelo jornal A Folha de S. Paulo, que noticiou uma pesquisa coordenada pela professora de Literatura Brasileira Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília. A professora fala que os personagens dos romances brasileiros contemporâneos são homens, de classe média e moram em cidades, e acrescenta que negros, mulheres, velhos e pobres têm pouco ou nenhuma voz. Ela também afirma que desde o lançamento do filme *A Cidade de Deus* houve “uma preocupação dos novos autores em trazer personagens que estavam à margem da sociedade”.

Ao falar sobre a vertente das narrativas fantásticas, às quais se podem juntar as de ficção científica e as de teor místico/macabro na literatura do século XXI, Fernandes, cita algumas obras de autores importantes nessa vertente. *O vôo da madrugada*, de Sérgio Sant’Anna, é exemplo de obra com teor macabro, que mesmo apresentando fórmulas pouco férteis, nas mãos de um bom escritor, ela se torna relevante. Outra obra que o pesquisador também cita é o conto “Sobre os ombros dourados da felicidade”, de Marcelo Mirisola, que tece uma crítica impiedosa aos valores e condutas da classe média alta do Rio de Janeiro. Além desses autores, há a presença notória de outros importantes. Esse estudo de Rinaldo nos possibilita enxergar tamanha importância e contribuição de autores brasileiros e obras, que chegam a marcar a história da Literatura brasileira contemporânea.

O romance em estudo *Hosana na Sarjeta*, de Marcelo Mirisola, faz parte da Literatura pós-moderna e poderá ser contemplado no ensino médio, pois segundo os PCNs (2002) o estudo da Literatura nesta etapa da educação básica precisa levar o aluno para o contexto social vivenciado fora dos limites escola e dos conhecimentos repassados na escola. Com isso, a aprendizagem torna-se significativa, pois o aluno acaba identificando-se com o que a escola propõe.

A LDB, ao fundamentar os PCNs, bem como as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, constatou que ensinar literatura no ensino médio é lançar mão de um projeto que é considerado essencial na formação da cidadania de cada aluno, pois o ensino médio não encerra uma fase, mas prepara para uma mais intensa, que é o ensino superior.

De acordo com essas considerações feitas acerca do estudo da literatura no ensino médio segundo os PCNs, Back fala que:

O ensino da Literatura no ensino médio está bem perto das competências argumentativa, reflexiva e imperativa, dentre outras que os alunos podem desenvolver. No entanto, a literatura não é um mero objeto utilizável para atender deficiência de outras áreas como da gramática por exemplo. A literatura existe dentro de sua essência artística e por esse motivo deve ser ministrada. (BACK, 1997, p.59).

Dessa forma, a Literatura no contexto do ensino médio tem como função essencial a formação do aluno com perfil crítico e dominador das competências que o façam administrar corretamente as diversas situações, seja no trabalho, como pessoa e dentro do seio familiar (OSAKAB, 2004). Conclui-se, segundo os PCNs (2006), que é responsabilidade do professor dinamizar suas estratégias para apresentar ao aluno o texto literário, bem como propor-lhe uma leitura prática, pois sabemos que não existem fórmulas prontas, mas é possível criar estratégias para o ensino da Literatura.

### **3. CAPITULO SEGUNDO:**

#### **3.1 Diferença entre o herói romântico e herói moderno**

O crítico Flávio R.Kothe (1987), ao argumentar sobre romance, afirma que esse gênero foi um tipo menor que se tornou um maior, pois de marginal ele passou a dominante na literatura contemporânea. E se na literatura brasileira, até o século XVIII, poesia era praticamente sinônimo de literatura, na metade do século passado a narrativa passou a se desenvolver, a ponto de ter-se tornado o gênero plenamente dominante.

Enquanto o Romantismo no Brasil era mais caracterizado pela poesia do que pela prosa, o Romantismo europeu viu originalmente no romance o seu gênero por excelência, aquele gênero que reuniria em si todos os demais gêneros, tornando-se como que síntese e sinônimo de literatura. Assim, a poesia foi dando espaço à narrativa, num consumo em massa, e hoje ela já não é mais considerada um gênero literário dominante.

Sobre a perspectiva do romance “pícaro”, Kothe ressalta que essa narrativa desempenha a função de descrever com traços realistas e humorísticos as peripécias de um herói malandro da classe social baixa, que vive de sua sabedoria em uma sociedade corrupta. Dentre as características dessa ficção em prosa, evidenciamos algumas que são inerentes a essa definição. A primeira destaca o protagonista como sendo um pícaro, de nível social rebaixado e descendente de país marginalizado. Enquanto demonstra atitudes de um anti-herói, ao mesmo tempo se contrapõem ao ideal cavalheiresco.

O pesquisador expõe a noção do que é ser um herói pícaro, e para tanto afirma que o pícaro não é apenas um herói trivial às avessas, que ao invés de querer mostrar o alto como elevado procura mostrar o baixo como inferior. Esse tipo de herói expressa os interesses e espírito crítico de uma classe social ou de um grupo social em processo de ascensão.

Outra marca importante é a narrativa apresentar-se em primeira pessoa, fazendo com que o anti-herói se confunda com o autor, como se estivesse narrando sua própria história de forma intencional a fim de moralizar, através de sua genealogia. Além disso, apresenta traços deterministas, ou seja, o pícaro, mesmo que tente melhorar de condição social, fracassa sempre, e esse fracasso faz com que a estrutura do romance seja permanentemente aberta.

Por outro lado, a figura do herói romântico contrasta-se com a do antes comentado, pois esse tipo de herói, apesar de ser mais idealizado, vive em conflito com a sociedade opressora, se vulnerabilizando a questionamentos mediante fatos levantados pelo meio social em que vive. É por isso que apresenta atitudes que oscilam entre um ser hora marginalizado hora dotado de virtudes. Sua representação acontece por meio de figuras históricas, ou por figuras idealizadas, em virtude de seus próprios atos heroicos.

Diferentemente do perfil desse herói mencionado acima, temos o contemporâneo que emergiu deste, e apresenta-se na literatura universal como oriundo de uma condição pós-moderna. Uma condição que com o passar dos séculos foi diversificando essa figura, à medida que modificou antigos e modernos valores morais. Sendo assim, esse tipo de herói é representado como uma figura comunicativa, pois é através de sua linguagem que ele retrata valores e ideologias na sociedade vigente.

Refletiremos um pouco sobre a concepção de narrador segundo a pesquisadora Beth Brait. Ela retrata a importância do narrador como sendo um dos elementos essenciais da narrativa, e que pode atuar como observador e até mesmo como personagem de sua própria narrativa. Acrescenta também que o narrador conduz o leitor, e o faz acreditar que a história parece estar se criando à sua frente. Segundo Brait:

(...) consideramos que o narrador pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, portanto, uma verdadeira câmara, ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados. De acordo com a postura desse narrador, ele funcionará como um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens. (BRAIT, 1990, pag. 52 - 53).

Assim sendo, a pesquisadora afirma que quando a narrativa é conduzida por um narrador em primeira pessoa dá a condição de personagem que se envolve com os acontecimentos narrados. Para tanto, o escritor utiliza os recursos necessários para descrever, definir e construir os seres fictícios de uma maneira tão extraordinária que o leitor tem a impressão de estar lendo uma narrativa com personagens do seu mundo real. No romance moderno, o escritor se empenha em distanciar a personagem dos esquemas fixos que delimitam esse ser fictício, e esse recurso ajuda a multiplicar a complexidade da personagem e da escrita que lhe dá existência.

Entretendo, de acordo com os pressupostos supracitados, entendemos que para fazer a construção de um personagem perfeito, que faça o leitor confundi-lo com um ser real, não

importa a narração estar em primeira ou em terceira pessoa, porque o que irá definir a qualidade desse ser fictício/fantástico são as técnicas escolhidas e combinada pelo escritor.

Por outro lado, o gênero autoficção se tornou tendência na literatura contemporânea. O termo autoficção, no ano 1977, foi usado pela primeira vez pelo francês Serge Doubrowsky, no romance *Fils*, para conceitualizar o conjunto de obras literárias que apresentam passagem da vida. A narrativa que apresenta essa natureza faz com que os leitores se confundam, e cheguem a pensar que o autor da ficção está escrevendo sobre si. Isso dar-se pelo fato de algumas vezes acontecer dos traços autobiográficos se misturarem à narrativa ficcional.

No gênero, personagens, autor e narrador dividem o mesmo espaço no campo ficcional, e essas características foi o que lhe transformou em tendência na literatura contemporânea. A autoficção hoje é trabalhada por vários autores importante e que se destacam no campo literário através de suas obras justamente por reverenciar esse enfoque. No Brasil, ela é adotada por Cristóvão Tezza, Márcia Denser, Silviano Santiago, Sérgio Sant'Anna, Marcelo Mirisola, Ricardo Lísias, dentre muitos outros.

O romance autobiográfico foi tradicionalmente considerado desnecessário, híbrido, e quase sempre recusado pela crítica, mas a autoficção ocupou esse lugar de destaque utilizando-se de formas inovadoras. Dessa forma, surge na contemporaneidade esses novos tipos de *escrita de si*. O conceito aqui abordado sobre autoficção serviu como recurso interpretativo para a natureza dessa pesquisa.

### **3.2. Análise do romance:**

No estudo analítico deste capítulo veremos como se configura a trajetória do narrador protagonista Marcelo e o relacionamento amoroso que ele viveu no início do romance com Paulinha e, mais tarde, com Ariela. Daremos ênfase em momentos obscuros e também satisfatórios vividos pelo anti-herói e as personagens que, de forma direta ou indireta, fizeram parte da vida de Marcelo e junto com ele difundiram e construíram o enredo dessa história. Além disso, destacaremos aqui as características típicas de cada personagem e suas funções na obra.

O romance abordado nesta pesquisa está entre os melhores exemplares da Literatura pós-moderna, pela autenticidade do escritor Mirisola e principalmente pela condição de vida representada por cada personagem, com destaque para o protagonista. São várias as questões de cunho social que assolam a vida da maioria da população nos dias de hoje e que o autor faz questão de elencar através do narrador e de seus personagens nesta obra, entre as quais podemos destacar algumas como: traição, violência contra a mulher, prostituição, machismo, drogas, críticas ao poderio político, questões voltadas à literatura brasileira, entre outras que podemos mencionar no transcorrer deste estudo.

O protagonista da trama, Marcelo, tem 45 anos de idade e se declara escritor, profissão que ele confessava não gostar, e que inclusive achava decepcionante, declarando ser “o acúmulo de todos os erros e infelicidades”; mesmo assim, publicou doze livros. Como um bom escritor da vida real, ele é um bom conquistador nesse romance, pois se envolve com duas mulheres, Paulinha e Ariela, ambas se tornam as ferramentas necessárias na construção dessa história.

A situação inicial se constrói através do primeiro encontro de Marcelo com Paulinha, quando ele a convida para ir a sua casa, confundindo-a com uma prostituta. O espaço onde a ação acontece se configura na área urbana da grande São Paulo, na frente da lendária boate kilte, na Rua Nestor Pestana, num canteiro ao lado do Biro's Bar. Mas para a surpresa do protagonista, a garota não era de programa; mesmo assim, com a astúcia de um bom conquistador, ele investiu no convite novamente e conseguiu convencê-la a ir para outro bar. Nessa noite, depois de tomar três cervejas com Paula e trocarem olhares maliciosos, o rapaz conseguiu levá-la para sua casa.

Paulinha Denise, de vinte e poucos anos, tinha uma irmã e um amigo conhecido por Francisnight; juntos costumavam frequentar terreiros numa favela em Suzano, onde moravam. Era assistente de enfermagem e cuidava de um senhor conhecido por Seu Akira, inclusive sabia como satisfazê-lo prazerosamente, pois há cenas no romance que comprovam isso. A personalidade de Paulinha que oscilava entre as cinco entidades que recebia, e as roupas que usava dava-lhes as características de uma prostituta. Paula variava sua personalidade justamente por causa dessas cinco entidades que incorpora, entre as quais se destacavam Sarah, a cigana e a chamada tia Alzira, a dengosa. Contudo, o protagonista incorporava muito bem ela e suas entidades no ato de amor. Apesar de admirar as curvas do corpo da garota, ele repudiava as roupas que ela usava, achava vulgar, e também achava brega um chapéu estranho que Paula colocava sobre seus cabelos oxigenados. Nela também figurava a aparência de uma pessoa triste, solitária, a procura de um dedo de prosa ou um socorro, como o próprio narrador afirma:

Em Paulinha caía bem a figura da puta triste, era como se aquela garota de vinte e poucos anos incorporasse a tristeza do mundo quando olhava de dentro dos seus olhos para os olhos de quem lhe pedisse um cigarro, um dedo de prosa ou socorro.(MIRISOLA,2014,p.12).

E é justamente nesse ponto fraco de Paula que o anti-herói Marcelo se aproxima a fim de preencher esse vazio, satisfazendo-se à mercê da tristeza dela e fazendo-a sentir-se aliviada como se ele fosse a praia que absorve toda essa “sujeira” emocional e mundana que os traços físicos e pessoais revelavam nela. E de fato, ele se sentia a praia e ela o mar sujo. Quando Paulinha apresentava lapsos de personalidade para não cometer erros, como confessou ao protagonista quando a flagraram roubando nas Lojas Americanas por engano, pois jurou não se lembrar desse ato, ela incorporava outra entidade, a psicanalista que prescrevia alguns remédios tarja-preta para a garota não sair de órbita e morrer.

Dessa maneira o discurso do narrador protagonista vai se propagando ao longo da trama e uma das marcas fortes que podemos ressaltar em sua linguagem está intimamente relacionada ao poder de persuasão que suas obras apresentam ao despertar o interesse dos interlocutores lerem e se prenderem numa leitura que mistura a ficção com a realidade através da vivência de seus personagens e do próprio protagonista, nos fazendo crê e imaginar que se trata de uma história real. Despertar o senso crítico do leitor nessa obra, isso o narrador faz com precisão por meio de sua linguagem que se alterna entre erudição e obscenidade, com um toque de humor que se configura em vários momentos na obra. Sobre

isso, numa entrevista Marcelo Mirisola declarou que o “romancista é um peixe das águas profundas, vai tirar o material ao abissal”, e afirmou:

Para ser escritor tem de usar a língua até aos limites, ter uma intimidade com o idioma. Não pode ter medo. Uma das coisas que atrapalha muito as pessoas é a gramática, ficamos com medo da língua. (ex: Marcelo Mirisola “O obsceno e o religioso são os dois divinos”. Disponível em: [4.sapo.pt/article/www-publico-pt\\_2016/acesso em 28/08/2016](http://4.sapo.pt/article/www-publico-pt_2016/acesso%20em%2028/08/2016)).

E é por meio dessa transgressão que o protagonista prossegue narrando sua paixão avassaladora por Paulinha. Ele até esquece o jeito estranho e brega que caracteriza a garota. Inclusive uma das entidades dela, a tia Alzira, comunicou-lhe que os dois formavam dupla desde o nascimento e que o orixá Ogum lhe protegia de seus inimigos. Uma cena muito importante que norteou o relacionamento do casal ocorreu quando Denise, embriagada, incorporou pela primeira vez a entidade Sarah, pois com o dom característico de cigana não poupou seu presságio e endereçou uma praga ao protagonista; que mais tarde vai se tornar motivo de desilusão e tristeza para ele, mas por enquanto só tem a agradecer, como podemos verificar na cena abaixo transcrita:

- Você nunca vai encontrar ninguém nessa vida.

- Tá certo, cigana. (MIRISOLA, 2014, p. 16).

O título do romance (*Hosana na Sarjeta*) combina duas palavras de significados totalmente oposto entre si. Sabemos que Hosana significa “salve-nos”, considerado um termo litúrgico, de origem hebraica, que costuma ser muito utilizado nas religiões Judaicas e Católicas. Aparece com frequência em várias passagens da Bíblia e é muito entoado em rezas e cantos, ou seja, é um pedido de ajuda. Por outro lado, o significado de sarjeta representa condição ignominiosa de decadência e humilhação, estado de indignância moral, e combina muito bem com o espaço físico que Paula Denise vivia em Suzano. Entretanto, se pararmos para refletir sobre essas definições chegaremos à conclusão que o título pode estar se referindo a Paulinha como Hosana, e Sarjeta ao ambiente onde ela morava, numa favela em Suzano. A cena transcrita pelo narrador confirma essa dedução:

Os traficantes do pedaço se intimidavam diante da passagem de Paulinha Denise, era quase um ato de genuflexão involuntária coletiva, só que de pé, eles iam de encontro aos muros e olhavam para baixo (...). Incrível. Mesmo com as roupas de puta que usava, impunha respeito. Uma rainha cigana. (MIRISOLA, 2014, p. 17).

Dessa forma, percebemos que Denise era respeitada como uma dama e tratada tal qual uma princesa pelos traficantes; era como se ela fosse a Hosana e o cenário em volta a sarjeta, a própria palavra genuflexão que Marcelo cita para descrever a forma como eles a

olhavam definiram bem essa ação. É por isso que o título do romance inverte o sentido do termo bíblico “salva-nos, senhor”, podendo por esta razão ser classificado como paródico. Contudo, não descartamos a possibilidade do tema da obra ir mudando de sentido e de personagem, já que o foco narrativo não é totalmente linear e as ações vão mudando continuamente.

De acordo com as afirmações acima, percebemos que o anti-herói estava admirado com as proezas da garota. Mesmo com seu jeito estranho de vestir-se e comportasse, ele estava encantado com ela. Paulinha tornou-se tão íntima de Marcelo que pediu para conhecer seus amigos e o mesmo não hesitou e logo combinou com o amigo detetive, conhecido por Picanha, para se encontrarem no Bar Planeta’s próximo à Biblioteca Mário de Andrade. Ao se encontrarem, Picanha, mesmo estando sob efeito de álcool, ficou maravilhado com a garota e até os garçons do bar ficaram eufóricos com a presença dela.

Denise sentiu-se muito feliz com tudo isso, pois encantar os homens era sua arte e fazia isso como uma profissional, demonstrando ser, mesmo com um jeito ingênuo, uma mulher sexy, sensual e interessante. Mas, mesmo em meio a esse encontro agradável, ela só não gostou do Jordão, amigo do protagonista, pois o achava tagarela e falso por ter os olhos parecidos com os de um gato. O autor caracteriza bem a personagem Paulinha na figura de uma mulher prostituta e brega. A façanha que ela utiliza para despertar atenção dos homens através de suas roupas sensuais, de sua gentileza e simpatia denunciava seu caráter e o verdadeiro interesse que ela tinha pelos homens.

Quando o escritor lança mão da entidade cigana incorporada por Paula, ele não faz à toa, pois o papel dessa figura é encantar, enfeitiçar, e essa função a garota exercia não só com o protagonista, mas com os traficantes da favela onde mora, com seus amigos e qualquer outro homem que se aproximasse dela, assim se expressa:

Picanha chegou muito doido e belicoso. Todavia, na presença de Paulinha, a beligerância e o porre passaram. Eu vi, juro que sim, vi Paulinha traçar uma linha na frente dele, e o hipnotizar como se fosse um peru. Quem o observasse juraria que ele navegava a bordo de um veleiro em alto-mar, embriagado de águas profundas, voltado para a costa Africana(...). Os garçons do Planeta’s ficaram malucos, ela era simpática e sorridente, conversava indiscriminadamente com todos, distribuía afagos e não economizava gentilezas. (MIRISOLA, 2014, p. 18).

Toda essa façanha da moça fazia o anti-herói sair de seu mundo real (Brasil) substantivo que o escritor qualifica com o adjetivo (leso). Quando ele classifica seu país de origem dessa forma, não o faz por mera opção, mas pela razão, pois denunciar e trazer para

suas obras questões de cunho sociais é a marca característica de seu fazer literário. No momento em que ele menciona o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, seu objetivo é lembrar como nosso país emprega a política. Nesse caso, pela natureza do adjetivo (leso) o país encontra-se em estado crítico, sem desenvolvimento e perspectiva de melhorias futuras, ou seja, um país atrasado. O exemplo a seguir ilustra essa afirmação:

(...) e aqui não vai nenhum trocadilho pela metade. Acreditava sinceramente que o Brasil podia dar certo porque tinha vocação para ser um país leso, cotoco. Desde o nosso ex-presidente. (...) (MIRISOLA, 2014, p. 19).

Observamos que esse mundo real do protagonista mistura-se com fantasia, através dos caprichos rebeldes e ou de atitudes bregas de Paulinha. Um exemplo disso eram as cachorrinhas de estimação da garota, conhecidas por Titi e Camila Marcelo gostava muito delas e inclusive eram essas figuras que lhe transportavam para seu universo imagético, fazendo-o transgredir da realidade árdua vivida antes de conhecê-la:

“E a Titi, Paulinha?” “E a Camila?” Aí ela respondia uma bobagem qualquer, “Titi tem ciúmes da Camila” ou “Camila faz xixi na cama”, e aquilo mim servia como passaporte pra entrar num mundo de brinquedo, completamente diferente do bolerão que eu vivia antes de conhecê-la. (MIRISOLA, 2014, p. 20).

Em meio a todo esse amor entre Paula Denise e Marcelo, justamente no momento em que os dois compartilhavam intimidade no aconchego de seu lar, como se estivessem experimentando a convivência de um casal recém-casado, o anti-herói voltar a figurar sua imagem satisfazendo seus próprios interesses sem remorso de magoar ninguém. Inclusive Paulinha, que passará agora de amante para vítima, pois Marcelo a trai com Ariela no “Forró do Nerd”, na presença de sua irmã e do seu amigo Franscisnight.

Esse fato ocorrido é a parte do enredo que desencadeia o primeiro conflito da narrativa, a traição de Marcelo. No entanto, é importante destacar a diferença norteante entre as duas mulheres engendrada pelo protagonista que enquanto confundiu Paulinha com uma prostituta quando a viu pela primeira vez, Ariela ele confunde com Juana. A diferença se acentua ainda mais na recusa de Paula em não aceitar o convite de Marcelo para ir dormir em sua casa, enquanto Ariela é quem lança mão do convite ao protagonista. São essas e outras distinções que serão destacadas aqui, responsáveis por prender a atenção do leitor na trama, despertando interesse maior pela continuação dos fatos que sucedem.

Partindo para a caracterização da personagem Ariela, notamos uma dessemelhança muito forte entre ela e Paulinha, como mencionado acima, que se torna mais evidente quando paramos para observar detalhadamente as características físicas e os traços de

personalidade que se manifestam nelas. Apesar de elas serem da mesma faixa etária, as garotas se diferenciavam bem, principalmente pela iniciativa que cada uma toma na hora de conquistar Marcelo.

Ariela é mais astuciosa em relação à outra, toma iniciativa e não teme nada, mesmo sendo casada. Como o próprio narrador afirma, ela é o “o oposto vertiginoso de Paulinha”, isso porque até a forma dele olhar para as duas era diferente, pois enquanto ele observava as roupas estranhas de Paula, e por isso a julgava brega, a outra o protagonista descreve como uma mulher moderna, um pouco caipira, mas com um sotaque acentuado do bairro onde morava, no Mooca, em SP.

Sua aparência era notória, “pés lindos, unhas manicuradas”, dona de uma respiração ofegante, segundo o narrador, se compara a de um animal; corpo escultural e curvas definidas. Era estudante de direito, tinha interesse sexual voltado tanto para o sexo feminino como masculino, e fumava muito. Morava de favor na casa da sogra; casada, apanhava do marido Gui e tinha um filho de quatro anos que se chamava Cauã.

Quando o narrador caracteriza Ariela, ele não economiza palavras, tanto é que a primeira marca tatuada na personalidade dela é a mentira. Mas, o anti-herói, quando a conhece e descobre esse lado falso nela, ele se integra, ou seja, era como se essa fosse a metade que faltava nele para se completar. O protagonista se identificou tanto que decidiu mergulhar junto com ela nos abismos que a mentira proporciona e no prazer da falsidade de um relacionamento que envolve a traição dele com Paula e dela com o marido. Encantado com a esperteza dela e já sobre seus caprichos, Marcelo agora passa a elogiá-la:

Ariela ouvia minhas bobagens e, diferentemente de Paulinha, demonstrava interesse e participava da fraude. Ariela gostava das minhas mentiras, e mentia junto. Ariela já mais me acusaria de não ter “amado ninguém na vida”. (...) Ariela carregava um potencial de destruição visível, mas sabia escamotear o mal atrás de uma cumplicidade que não oferecia perigo iminente. (MIRISOLA, 2014, p. 24; 25).

Dessa forma, notamos que Ariela era tão astuciosa em suas façanhas quanto o anti-herói, e é justamente por isso que eles se identificavam tanto. Ao contrário de Paulinha que fingia ser ingênua e tinha uma personalidade quádrupla, como o próprio narrador afirma, e ainda revelava um mau gosto, ou seja, era uma pessoa ostensivamente exagerada. No entanto, logo depois dela aceitar a traição de Marcelo com Ariela, quando tudo aparentemente estava tranquilo, acontece um novo conflito que se revela através de uma

mensagem enviado por Paula para ele dizendo que talvez esteja grávida, esperando um filho seu.

Essa notícia pegou o protagonista e sua amante de surpresa, e ele lembrou de todos os momentos vividos com Paula, e por um instante imaginou na possibilidade de ter que reviver tudo de novo. O medo o cercou e fez Marcelo sentir-se como uma estátua, principalmente no momento em que ele conta o acontecido a Ariela. Para sua surpresa, ela aceita e inclusive apoia, e como se não bastasse, sugere ao protagonista que deveriam criar esse filho junto com o dela. A trajetória do anti-herói não é fácil nesse romance pós-moderno e cada passo dado por ele nos permite ver o quanto suas falhas são visivelmente impregnadas em seu personagem do que suas próprias qualidades heroicas.

Entretanto, apesar das lamentações iniciais de Marcelo com a suposta gravidez de Denise, logo depois ele termina aceitando e decidindo assumir seu papel como futuro pai. Para isso, o protagonista decide romper seu romance com a atual amante, Ariela. Na confusão de seus sentimentos e pensamentos diante dessa situação, o narrador assume que atribuir realidade a Paulinha e ficção a Ariela torna-se um ato fútil, pois ambas são reais e oferecem os mesmos perigos e ele é quem vive fantasiando o que de fato não existe.

Observando bem o campo interpretativo, onde a obra do ilustre Escritor oscila entre o mundo real e imaginário, temos mais uma temática social que vem fazer-se presente neste enredo que é a denúncia da precariedade que as famílias brasileiras de classe média vivem até hoje para conquistar o sonho da casa própria. O narrador desabafa argumentando estar triste por saber que não vai curtir sua vida nas festas e beber como antes com seus amigos nos bares, pois agora tem que comprar um apartamento financiado pela Caixa e para isso vai lhe custar todo seu salário de escritor e de enfermeira da futura esposa Paulinha.

Finalmente eu realizarei meu sonho de morar num apartamento financiado pela caixa... lá em Suzano... nunca estive tão perto da realidade de ter uma casa própria e uma mulher dengosa (...). quer dizer: mais ou menos perto, somados o salário de auxiliar de enfermagem da Paulinha e as minhas contribuições como escritor pornográfico, corretor de seguros e vendedor de carros usados, teríamos- por baixo- uns vinte anos para quitar a prestação do imóvel em Suzano. (MIRISOLA, 2014, p. 32).

Notamos que o autor expõe uma realidade presente nos dias de hoje, que é a dificuldade de realizar o sonho da casa própria, que tantas famílias humildes almejam. O escritor, como um bom inovador da literatura contemporânea, tem em sua essência a arte de

expor o que sente, e faz o valer, através da trajetória do próprio protagonista e das personagens nesse romance urbano-social.

Saindo desse mundo exterior e voltando para o universo circundante da trama, temos então, novamente no cenário, uma distorção do que o protagonista achava ser verídico sobre a suposta gravidez de Paulinha, pois por intermédio de mensagem a garota confessa não estar grávida, ou seja, havia sido engano. Assim, como o próprio narrador diz, ele sai da realidade (Denise) e volta novamente para ficção (Ariela). Agora novamente ele dá continuidade ao caso vivido com Ariela e os fatos transcorreram na Rua Major Diogo em SP. O casal vive na mais perfeita harmonia, à mercê de uma traição. Apesar das ligações frequentes de seu marido Gui, Ariela não se intimidava e continuava com sua farsa para o esposo, afirmando estar na casa de um amigo gay.

A falsidade de Ariela e suas mentiras mirabolantes causavam espanto até em Marcelo, mas como ele era seu cúmplice, não podia omitir-se mesmo estando na posição de seu amigo gay, afinal essa era a única desculpa mais precisa que ela poderia usar para explicar ao seu esposo sua ausência e fazê-lo aceitar naturalmente. Neste momento, o narrador volta a falar sobre o título Hosana, só que agora representado pela personagem Ariela. Comparando-a com a poluição do céu de São Paulo, o narrador afirma que ela é Hosana nas alturas, ou seja, a sua Hosana poluída. São essas características mais fortes que ele atribui a essa personagem como: fazer brotar a mentira, representar a imagem de uma serpente traçoeira e o cenário de um céu poluído, justamente no espetáculo mais lindo que é o amanhecer fica tudo poluído. Esse cenário criado por ele é justamente para combinar o espaço em torno com eles e suas fraudes, ou seja, a adúltera e o amante.

Um aspecto da trama do narrador relevante para nossa pesquisa são seus deslocamentos geográficos, pois inicialmente o anti-herói se desloca dentro da grande São Paulo, onde vive o romance com Paulinha num bairro da metrópole, em Suzano. Depois de trair a garota, ao iniciar um caso com Ariela, ele passa a morar em outro Bairro, numa rua chamada Major Diogo, também sob o céu de SP. Agora, o protagonista viaja para a Serra da Canastra, em Minas Gerais, a fim de fazer uma visita a sua família. Do caminho de SP, até seu destino final, ele relata toda sua trajetória:

No primeiro dia, faço São Paulo-Ribeirão Preto. Chegando em Ribeirão mim hospedo num hotel que fica atrás da rodovia e, no outro dia sigo pra Passos bem cedo. De lá pego outro ônibus para Piumhi- quase meu destino final. (MIRISOLA, 2014, p. 37).

Ao chegar a Piumhi, Marcelo encontra seu pai, Chitãozinho, e seu irmão, Xororó. Nesse estante, ele começa a lembrar de que foi o primeiro a chegar lá na serra, em meados dos anos oitenta. O protagonista, ao recordar fatos ocorridos em sua vida nessa época, utiliza a técnica narrativa *flashback*, ou seja, esse método causa uma interrupção na sequência cronológica com eventos ocorridos anteriormente como é o caso dessas lembranças. Rememora também nesse tempo que abandonou o curso de agronomia para garimpar diamantes no Rio São Francisco. Além disso, ele argumenta que toda sua família decidiu trabalhar no garimpo, inclusive seu pai e até seu irmão mais novo.

Um aspecto importante que devemos frisar é a forma como o narrador utiliza para caracterizar o espaço rural onde agora se encontra. A fim de se integrar nesse meio, ele começa falando sobre o casamento do irmão Xororó com uma cabocla. Em suas considerações pessoais sobre o matrimônio, o anti-herói ironiza expondo que casamento perfeito só existe se for como o do seu irmão que engravidou uma cabocla muda e foi viver com ela num sítio.

Segundo o narrador, nessas condições, isolados da sociedade, vivendo num cenário onde tem uma nascente de água, peixes para alimentar e vacas para ordenhar, o casamento é perfeito. Contudo, ao mesmo tempo em que ele critica o casamento, cria uma oportunidade de indicar os elementos composicionais do espaço rural onde está inserido, trazendo a imagem da vaca, dos tanques para criar peixes e do alambique, pois de acordo com o narrador essa é a única forma do sertanejo “encarar as auroras e os luares do sertão, dia pós dia” embriagado. Notamos que a crítica presente está relacionada ao tradicionalismo retido até então em alguns casamentos convencionais, marcado pela submissão das mulheres aos maridos. Dessa maneira, ele cria uma imagem metafórica da mulher quando a compara com a vaca:

Sábias as vacas, e as mulheres do sertão. Mais do que o hábito, conserva o bom senso de nada declarar a respeito. Mudadas, caladas e cheias de leite. Mesmo porque elas não iam ser bestas de reclamar de qualquer coisa, e ouvir um muuuuuuu como resposta (...). (MIRISOLA, 2014, p. 39).

Essa temática da mulher submissa ao homem é, de fato, indício de que até hoje ainda existe e com mais frequências nas áreas rurais. Nos deparamos com essa situação de mulheres dependendo quase exclusivamente de seus parceiros ainda hoje. Infelizmente essa

ainda é a marca impregnada do machismo presente em nossa sociedade e algumas mulheres submetem-se a esse papel.

Voltamos a evidenciar os elementos da natureza que constrói a paisagem do espaço onde o anti-herói agora figura. Durante o trajeto de Piumhi até Vargem Bonita, ele passa por plantações de eucaliptos e fica bastante encantado. Afirma ser uma verdadeira floresta exuberante. Através da conversa do seu irmão observamos também marcas dessa caracterização, pois Xororó só falava em plantações de café, tanques de criar peixes, ou seja, em coisas pertencentes ao ambiente físico em que vive. Além disso, Marcelo confessa que ir passar o natal com sua família é um pequeno sacrifício, mas como são apenas três dias, releva.

Foi nessa viagem ao sertão de Minas Gérias que ele garimpou o diamante. Mesmo o Ibama não permitindo mais o garimpo, existiam alguns que ainda funcionavam clandestinamente e foi nesse, localizado dentro da reserva perto da nascente do Rio São Francisco, onde o protagonista garimpou o diamante que tanto queria dar de presente a Ariela. Ele, o pai e seu irmão foram guiados ao garimpo durante a madrugada pelo guarda florestal, Duílio Gaspar Neto, e só tinham duas horas para garimpar, prazo determinado pelo guarda:

Duílio Gaspar Neto, sargento da Florestal, mais conhecido como Gasparzinho, nos levaria de madrugada até o Poço das Bruxas, no coração da reserva. Segundo suas estimativas, teríamos apenas duas horas de acesso garantido ao Poço. O sacana dava o nome de “portal” para valorizar esse tempo e o “favor” que nos prestava – quando todos os satélites e as corujas da madrugada nos beneficiariam em razão não exatamente de um favor, mas de uma dívida antiga que Chitão-cover lhe cobrava implacavelmente (...). (MIRISOLA, 2014, p. 46).

Diante de toda essa calma do sertão ele teve que suportar as conversas de seu irmão ao som de Chitãozinho e Xororó quando ia para Minas Gerais. E também se submeter a aguentar o silêncio absoluto de seu pai Chitãozinho durante a viagem de Vargem Bonita até Piumhi voltando para SP. Marcelo descreve um clima tão obscuro entre ele e seu pai que compara a viagem como um sepulcral. Diante disso, entende-se que o relacionamento deles não era amigável, apesar disso o trajeto estava sendo melhor do que com o seu irmão, pois sem as músicas da dupla Chitãozinho e Xororó o silêncio dava espaço à presença em sua mente das lembranças da amante Ariela. Sendo assim:

Pra não chamar a pequena viagem de Vargem Bonita a Piumhi de sepulcral, lembro do pai-Chitãozinho pedindo pra eu afivelar o cinto antes de chegar no trevo de Confusão. Seria bom evitar guardas rodoviários, perguntas desnecessárias, revistas, e sobretudo redundâncias. Em suma. Silêncio absoluto e a constatação que a paisagem é muito melhor sem a gritaria dos irmãos Xororó. E sem eles, a presença aumentada da Ariela: repetida nos cafezais da ida e agora na volta, na plantação de eucaliptos e nas lembranças imediatas de um natal movimentado, diferente, um pouco diferente e mais brilhante do que nos outros anos. (MIRISOLA, 2014, p. 49 a 50).

Chegando a Ribeirão às duas da tarde, o protagonista decide conectar-se ao Facebook, pois já havia uma semana que não acessava. Vendo Ariela on-line, decide enviar uma mensagem afirmando “amanhã, em São Paulo”. Para seu espanto, a garota disse que não iria ao seu encontro nunca mais, pois havia lhe traído com um blogueiro. O protagonista ficou revoltado com a falsidade dela, mas logo se conformou, e ficou refletindo que quando uma pessoa aceita convite de desconhecido, como a garota propôs a ele no primeiro encontro, não pode reclamar se for trapaceado mais tarde. Foi justamente isso que aconteceu com o anti-herói. Assim ele se lembra dela dizendo, “você costuma aceitar convite de desconhecidas?”:

De novo, a mesma história? Eu não podia conjecturar, depois de tanto tempo e agora mais rodado do que nunca, “você costuma aceitar convite de desconhecidas?”, de ter caído no mesmo tatibitate: armadilha que se cai voluntariamente porque – em tese – até o mais idiota dos leitores da dona Zibia sabe que o caçador é a caça. (MIRISOLA, 2014, p.50).

Contudo, notamos que a traição de Ariela é mais um conflito presente na trama do narrador, e também, outro tema cotidiano a ser destacado nesse estudo, pois se pararmos para refletir sobre esse enredo, do início até então, notaremos que a traição vem circulando a vida do anti-herói desde o princípio. Primeiro ele trai Paulinha e agora é traído por Ariela, ou seja, dar-se a entender que essa é a razão de tantos conflitos existentes na trama. A temática abordada não é alheia aos tempos de hoje, afinal, maior parte dos casamentos estão chegando ao fim por causa justamente da infidelidade. É como se esse conceito estivesse se naturalizando na mente das pessoas no mesmo ritmo em que a modernidade desenfreada faz os seres humanos correrem em busca da beleza e do consumismo exagerado.

Os relacionamentos extras conjugais atualmente não se limitam a um gênero, pois tanto os homens traem quanto as mulheres, e as influências estão presentes nos meios midiáticos através de novela, filmes e outros meios. Segundo a psicóloga Ana Maria Zampieri, em estudos realizados sobre o assunto durante cinco anos de pesquisas feitas com mais de 4.500 casais brasileiros, as mulheres estão tão propensas a trair quanto os homens. “Antes se pensava que eles traíam mais que elas. Mas vimos que os números são muito

parecidos. A diferença é que ele é menos cuidadoso na hora de esconder a infidelidade (ex: O que leva à traição? Descubra os principais motivos. Disponível em: <https://vidaestilo.terra.com.br/> acesso em 05/09/2016)". Essas questões que envolvem traição são muito pertinentes em romances, justamente pelo clima que causa na trama. Como as obras do nosso célebre escritor são conhecidas por suas famosas peripécias, essa temática atual e polêmico faz um leitor refletir durante a leitura da trama, e buscar outras surpresas que ela oferece.

Outro ponto importante nesse momento da traição de Ariela é a forma como o escritor caracteriza o homem virtual com quem ela o traiu. Ele além de julgá-lo ser seu imitador, completa afirmando que é um escritor de péssima qualidade, não merecendo ter nem um acesso em seu blog por escrever coisas fúteis, sem interesse. Quando o autor levanta essa questão sobre o escritor, ele está afirmando o seu ponto de vista sobre a literatura brasileira, ou seja, o que acha dela e de alguns escritores. Para confirmar essa afirmação buscamos algumas considerações que Marcelo disse durante uma entrevista realizada pelo repórter Luciano Trigo, no [globo.com](http://globo.com). O entrevistador lança mão da seguinte pergunta: "Que avaliação você faz do meio literário hoje?/ Você acha que a literatura brasileira está contaminada pelo o marketing?". Marcelo Mirisola afirma:

A literatura brasileira virou um sofazão da Hebe Camargo, escrevi isso hoje no 'feicibunque'. Tal de foto pra cá, queridão pra lá, gracinha, talentosíssimo, lindo etc, etc. Um sofá fantasma porque nem a Hebe existe mais". (ex: 'A literatura brasileira virou um sofá da Hebe Camargo', Disponível em: <http://g1.globo.com/> acesso em 08/09/2016 ).

Diante da afirmação supracitada, notamos a crítica do escritor quando afirma que a literatura é um sofá fantasma. Entende-se que a literatura é alienada, presa aos padrões de antigamente, ou seja, a o fantasma do passado, porque não inova. Enquanto ele, escritor contemporâneo, em suas obras vive o dia-a-dia, e não o isolamento. Em outra entrevista realizada recentemente pela repórter Isabel Lucas, com o título "O obsceno e o religioso são os dois divinos", e ele consolida ainda mais essa afirmação, quando diz:

Não sou melhor do que ninguém. Acho os meus livros ótimos, muito acima da média, alguns tocam a genialidade, mas quero viver o dia-a-dia não, quero o isolamento. (ex; "O obsceno e o religiosos são os dois divinos". Disponível em: <https://www.publico.pt/> acesso em 08/09/2016).

Nesta mesma entrevista ele fala sobre o que acha do escritor brasileiro e de sua transgressão, e concretiza o que foi afirmado mais acima:

O escritor brasileiro parece que está sempre em cima do muro, e quando ensaia sair desse muro vai para um lugar confortável, vai para onde os pares vão. E

voltamos a falar de transgressão. A partir do momento em que resolvi não ser advogado e ser escritor, foi para ter liberdade e sair dos cercadinhos. (ex; “O obscuro e o religioso são os dois divinos”. Disponível em: <https://www.publico.pt/aceso> em 08/09/2016).

Assim constatamos que o anti-herói passa por mais uma armadilha do destino quando é traído por Ariela. E sua maior revolta é por ela ter ocultado o romance que viveu ao seu lado, e agora além de traí-lo com um escritor maldito como o próprio narrador o classifica, ainda acha pouco e divulga fotos dos dois nas redes sociais. Nesse lastimável momento, Marcelo compara ela com a hosana poluída, ou seja, é como se a poluição do céu cinzento de São Paulo descesse sob a forma de Ariela e virasse nesse instante a sarjeta de sua vida:

Quem é que olha prum céu tão feio? Ela e o (...) meu diluidor olhavam pro céu medonho de São Paulo naquelas fotinhos nojentas. Minha hosana poluída(...). Hosana na sarjeta. A biscate traiu o motorista do táxi que cochilava dentro do carro às cinco da manhã, e que a levou pra Guarulhos depois de uma noite de adultério perfeita a meu lado. (MIRISOLA, 2014, p. 52).

Nesse impasse, Marcelo se vê diante de uma joia preciosa em suas mãos, olha para o diamante e exalta o seu valor, afirmando ser: íntegro, simples e cristalino, totalmente o oposto do caráter da pessoa que ia presentear, Ariela. O mundo do narrador desaba de remorso e solidão. Apesar disso, ele confessa ter sido a primeira vez que teve controle da situação. “A verdade é que - mesmo que eu tivesse amado pela primeira vez na vida - eu continuava infeliz, e travado. Mas tinha controle sim (...)”, completa o protagonista. Contudo mesmo estando nessa solidão decepcionado, o anti-herói lança mão de um plano, que é ligar para Paulinha. Ao ligar para a garota ele tenta convencê-la a se encontrarem. Utilizando suas artimanhas durante a conversa, diz que trouxe um diamante para ela, e marca o encontro num Bar localizado na Praça Dom José Gaspar. São interessantes as investidas de sedução que ele faz para Denise esquecer sua traição, pois primeiro ele demonstra arrependimento quando confessa ter vacilado com ela, depois lança mão do plano principal que é presenteá-la com um diamante, e diz a garota que a pedra iria se chamar Paulinha Denise em homenagem a mesma. Essas são as estratégias típicas de um anti-herói que se movimenta em todo o enredo entre Paulinha Denise e Ariela, sempre procurando a melhor situação que lhes possam oferecer.

Destacamos também a representação que o escritor neste momento da trama faz entre as duas mulheres. Paulinha, a garota brega, agora dá lugar às características de uma joia rara, que é o diamante, como ele diz: “Um octaedro que mostra a mesma face vista de qualquer ângulo, diferente de Ariela”. Enquanto Ariela, Marcelo a via como uma bijuteria: “Ariela

simplesmente virou bijuteria. E Paulinha, agora, era o que eu tinha de mais brega e precioso”. Apesar de toda essa exaltação da moça, é sabido que Marcelo estava mentindo para ela, tanto foi que durante a viagem a Minas Gerais, ele só pensava em Ariela e inclusive o que lhes motivou a garimpar o diamante foi ela. Mas o narrador não mede esforço em mentir para Paulinha, já que foi traído pela outra tinha que procurar um refúgio e inventar uma boa mentira capaz de fazê-la acreditar e até perdoá-lo.

É extremamente relevante mencionar o momento de conciliação entre o protagonista e Paula: ela foi ao encontro dele acompanhada por sua irmã e seu amigo Francisnight. Tudo aconteceu num bar no “Forro do Nerd”, com o diamante no bolso, muita cerveja, comidas a caráter do espaço; ele tira a joia do bolso e dando-a de presente proclama que essa é a prova do seu amor por ela e ambos se apaziguam. Depois dessa reconciliação, o único problema que irá afligi-lo é a mãe de Paulinha, a qual Marcelo tratava como velha pernambucana. Ela ficou com dúvidas de como Paula teria conseguido a joia, e quando soube que foi Marcelo não aceitou. Mas, isso não foi motivo maior para separá-los, pois a garota decide ir morar com ele, como ressalta o narrador:

(...) Chegou de mala e cuia, e disse que depois ia pegar Titi e Camila pra morar conosco, e juntos – segundo seus planos – dividiríamos nossa felicidade numa quitinete-canil de 30 metros quadrados (...). (MIRISOLA, 2014, p.70).

Neste momento de conciliação entre eles no conforto de seu lar, Marcelo não esperava a surpresa que estava por vir, a ligação de seu amigo Brecão que já não o via há mais de vinte anos. É importante destacar a forma como o escrito caracteriza essa personagem, com expressões fortes que nos fazem lembrar um indivíduo sem compromisso com a vida, que já apresentou e ainda apresenta comportamento antissocial. Portanto, uma das primeiras ações que demonstram isso é ligar para Marcelo a cobrar, depois de tanto tempo sem se verem. Também podemos perceber isso através da própria fala do narrador, quando interrompe a sequência cronológica narrativa para falar sobre uma situação passada em que ele e seu amigo se envolveram na última vez que estiveram juntos, que foi no enterro de uma mulher com o nome de Vânia, como o narrador diz:

Da última vez que nos vimos, enterramos Vânia, a marmiteira que morreu de AIDS em meados dos anos 90. Até aquele telefonema, eu havia descartado a hipótese de ter passado a doença para ela. Apostava no Brecão, mas o puto estava vivo, quer dizer, morto e vivo, louco e babando do outro lado da linha como se vinte e tantos anos e um Oceano Pacífico pra boi dormir não significassem (...). (MIRISOLA, 1014, p. 73).

São recordações um tanto obscuras para lembrar-se de um amigo que reapareceu depois de tanto tempo. Contudo, Marcelo relembra também que Brecão passou quase dez anos na cadeia e confessa admiração por não tê-lo esquecido. Apesar dessas afirmações desvantajosas sobre seu amigo, o protagonista surpreende-se quando ele afirma estar vivendo um caso com Maria Rita, a *socialite* carioca e assistente social viciada em drogas. O pai de Ritinha, dr. Schmidt Vasconcelos, era deputado estadual, mas não conseguia esconder sua opção sexual, pois segundo o narrador ele era apaixonado pelo genro:

O pai dela era um nazista-ecológico, deputado estadual, viado enrustido que não disfarçava a paixão pelo genro, ninguém mais ninguém menos que o Brecão. (MIRISOLA, 2014, p. 74).

Como Brecão representa uma personagem com personalidade sem moral, ele não recusa as investidas do sogro e ambos mantem um relacionamento oculto. Através dessa ligação Brecão convence Marcelo para ir com Paulinha passar o réveillon no Rio de Janeiro. Temos então mais um deslocamento geográfico do protagonista marcando o enredo e dessa vez o espaço vai ser caracterizado no Rio de Janeiro. Para isso o narrador já começa supondo a surpresa que Paulinha terá:

Ela não fazia ideia do que era decolar em Congonhas e pousar no Santo Dumont. Paulinha não sabia nada do Rio de Janeiro. Nunca ouviu o “Samba do Avião”, não sabia nada de Tom Jobim e bossa nova. (MIRISOLA, 2014, p.76 a 77).

Chegando ao RJ dia 31 de dezembro às 17 horas, Brecão estava à espera deles, e aos velos chegar recebe-os com a seguinte expressão: “– Bem vindos à Ilha da Fantasia”. O narrador, ao descreve o momento de chegada de forma deslumbrante, transcende em pensamentos e enxerga a beleza natural do espaço como se antes nunca estivesse visto. Ele para no tempo e deixa toda essa emoção invadir o seu ego a ponto de sentir-se só, enquanto Paula conversa com seu amigo como se fossem colegas há muito tempo, como podemos perceber nas afirmações do narrador:

Os dois tagarelas se afastaram de mim e nem se deram conta. Senti o sargaço e o azul do céu e a extensão da ponte Rio-Niterói, ao fundo, invadindo todos os lugares-comuns dos meus poros. Era como se a paisagem tivesse entrado no meu corpo. O que eu podia fazer senão facilitar a invasão e deixar a felicidade correr livre até transborda e explodir dentro do peito? (MIRISOLA, 2014, p.80).

Notamos na fala do narrador uma exaltação de seus sentimentos pessoais, ou seja, emprega-se o lirismo que o escritor confessa ser ferramenta de instrumento em suas obras, pois durante uma entrevista concebida por Marcelo Mirisola no artigo cujo título é “O obscuro e o religioso são dois divinos” ele afirma:

Como o ódio, o lirismo, a memória... são ferramentas de trabalho. Uso essas coisas a meu favor. A linguagem só sacrifica se o leitor não for atento e se deixar levar por isso. (ex; “O obscuro e o religioso são os dois divinos”. Disponível em: <https://www.publico.pt/acesso> em 08/09/2016).

Todavia, saindo do aeroporto Marcelo, Paulinha e Brecão foram para o estabelecimento Adega Pérola em Copacabana. Mesmo a garota demonstrando não gostar do ambiente eles fingiram não entender e ignorarão, pois na verdade o que importava nesse momento eram os chopes e a cachaça que já estava lhes entorpecendo. Entretanto, mesmo estando bêbado o narrador não perde a oportunidade de caracterizar bem os espaços por onde se desloca na narrativa, pois é da mesa do bar Pérola que ele vislumbra toda paisagem da Rua Siqueira Campos, ocupada por uma multidão de pessoas vestidas de branco deixando oferenda para Iemanjá, numa movimentação que, segundo ele, ia e vinha como o movimento do mar. São essas expressões fortes cheias de sentido que a linguagem do narrador traz nessa obra, responsável por envolver o leitor e fazer sentir-se como se estivesse vivendo esse momento. É como o colunista Jardel Dias Cavalcanti afirma sobre a obra em análise e o escritor:

Se depender do autor, nenhum dos críticos literários tarimbados da Unicamp, sempre críticos-criticados no interior do romance, poderia, com a astúcia de sua razão, alcançar a viscosidade alto-vital-biográfica dessa linguagem cheirando a cigarro, álcool, paixão, sexo e sereno das sórdidas madrugadas. (ex: Hosana na Sarjeta, de Marcelo Mirisola. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/> acesso em 04/09/2016).

Finalmente Marcelo e Paulinha chegam ao apartamento de Bregão depois de uma longa noite de bebedeira. Porém, não imaginavam que iam ser acordados às três da tarde do dia seguinte, primeiro de janeiro de 2012, com uma discursão alarmante de Brecão e Maria Rita. Os barulhos de louça quebrando e os xingamentos dos dois atravessavam as paredes do quarto onde o protagonista estava com a garota e faziam sentir-se em meio à briga. Paula, não gostando do constrangimento, por um momento arrepende-se e depois de discutir com ele por tê-la colocado em tão situação, trancou-se no banheiro e ficou chorando, se lamentando por tudo isso, perceptível no trecho abaixo transcrito:

Paulinha levantou da cama num pulo, e correu pro banheiro. Foi chorar lá dentro. Cazzo! Que hora pra se trancar no banheiro (...). Brecão e Ritinha se estapeavam no deck. Ouvi um tchibum. Depois outro tchibum, era o Brecão que mergulhava na piscina socialaite? (MIRISOLA, 2014, p. 84 a 85).

Quando tudo silencia, Brecão confessa a Marcelo que Ritinha foi embora e o motivo da partida e discursão violenta havia sido porque ela descobriu o romance dele com seu pai.

Diante disso, é importante destacar que tanto o anti-herói quanto as personagens dessa narrativa possuem destinos incertos e sempre se deparam com desilusões em busca da felicidade. É na precariedade das relações que o foco da narrativa situa-se, a partir dessas personagens que não conseguem superar a miséria moral, tornando-se prisioneiros de suas próprias atitudes.

Um dado relevante que devemos frisar é a forma como o narrador descreve a discursão de Brecão e Ritinha. A violência se propagou em todo o apartamento que começou na sala de estar até o terraço no ambiente externo do lar. O narrador ao relatar a violência do casal está enfatizando o que hoje é muito frequente nos relacionamentos. A violência contra a mulher surge a partir de desentendimentos como esse, colocando em risco a vida destas. Além disso, a violência doméstica e familiar sempre começa com agressões verbais e termina com agressões físicas. Na reportagem publicada no site Brasil estadão “Os dados apontam que no Brasil tem uma denúncia de violência contra a mulher a cada sete minutos”. E que “os homicídios de mulheres registrados foram cometidos por familiares, sendo que a maioria desses crimes tem parceiros ou ex-parceiros como autores” (ex: Brasil tem 1 denúncia contra a mulher a cada 7 minutos. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/> acesso em 10/09/2016).

E esse conflito ocasionado pelo casal Brecão e Maria Rita na narrativa espelha bem essa violência, pois o protagonista diz que escuta Ritinha chorando desesperadamente e também ouve barulhos de objetos caindo e xingações frequentes durante a ação. Depois que Ritinha vai embora a paz volta a circular no lar e Paulinha continua sua amizade com Brecão, na mais perfeita harmonia, inclusive fala a ele sobre o diamante que ganhou de Marcelo.

O narrador define bem o espaço onde se localiza o apartamento de Brecão na cobertura do Leme no RJ e não mede palavras para elogiar o ambiente e assim se expressa:

Quem mora numa cobertura dessas não tem necessidade de alugar vista nenhuma. A paisagem é dele. A cidade brilha, as famílias atravessam as ruas (...). Daqui de cima, é dele o michê dos travestis e o primeiro beijo dos namorados, ele não precisa fazer nada diferente de olhar para baixo, e possuir, e se o puto olhar em linha reta tem o horizonte e o sol que morre todo dia só para ele. (MIRISOLA, 2014, p. 91).

A forma como Marcelo caracteriza a roupa que Paulinha veste para dar um passeio demonstra o estilo exagerado e vulgar dela, pois ele diz que o vestido vermelho que ela usa, além de ter um decote demasiadamente sensual, ainda é muito pequeno para seu corpo. Também ressalta que qualquer pessoa que vê-la vestida dessa maneira pode confundi-la com uma prostituta. Porém, a garota faz isso para chamar atenção dele justamente porque ele fingiu não a escutar quando ela o chamou para ir à praia. Sobre esse momento ele diz:

Dali meia hora, ela aparece na sala. Vestida de puta (...). O vestido vermelho - grudado nela feito uma segunda pele - começava e terminava no decotão em V furioso. Como se o corpo inteiro de Paulinha tivesse se transformado numa espécie transgênica de oroboro que engolia a si mesmo e a tudo que girasse em torno de sua órbita - no caso e até aquele momento, eu e Brecão. (MIRISOLA, 2014, p. 92 a 93).

Apesar de eles terem implorado muito para Paula não sair vestida assim, pois já eram dez horas da noite e os perigos espreitavam o ambiente naquela ocasião. Mesmo assim, ela não hesitou e retocando a maquiagem disse: “vou dar uma voltinha” (MIRISOLA, 2014, p. 94). Paulinha só chegou no dia seguinte às seis horas da manhã, totalmente embriagada. Marcelo que a esperava ansiosamente, ao vê-la chegar essa hora deu-lhe uma repreensão e pediu para que fizesse as malas e fosse embora. A reação dela foi chorar e em seguida insulta-lo com palavras ofensivas e foi então onde a discursão entre eles começou.

É interessante destacar aqui que esse romance representa a arte dos desencontros, pois se observamos a mesma briga que envolveu Brecão e Ritinha, agora se repete com Marcelo e Paulinha e o detalhe mais notório é a forma como as duas personagens femininas foram embora. O próprio narrador enfatiza isso:

A mesma cena. As malas, as despedidas. O choro. As malucas no ponto de táxi. Fazia três dias Brecão havia deixado Ritinha no mesmo ponto. Paula Denise e Ritinha pediram pro Brecão carregar as malas, e ele foi. (MIRISOLA, 2014, p. 101).

A partida de Paulinha e a revelação que ela fez a Brecão antes ir embora faz Marcelo descer novamente para a sarjeta de sua vida. Ele agora se sente culpado, pois Brecão o revela que Paula antes de partir, confessou ter vestido aquela roupa sensual para Marcelo e que apesar de ter passado a noite no Libo sozinha, ainda o perdoaria. Sabendo disso, ele confessa ficar totalmente desolado, ou seja, na busca incessante por um amor correspondido, quando tudo aparentemente parece estar perfeito, ele se depara novamente sozinho e em

plena solidão. No Blog de crítica pseudoliterária (Café com Traça) temos um comentário que exemplifica essa afirmação:

O enredo é meio que uma jornada rumo à solidão. O amor até está presente, mais permanece oculto atrás das placas de uma estrada que se afunila até desaparecer num horizonte sem sol (ex; Hosana Na Sarjeta (Marcelo Mirisola) Disponível em: <http://cafecomtraca.blogspot.com.br/> acesso em: 12/09/2016).

Marcelo e Brecão, em extrema solidão sem suas amantes, decidem viajar para São Paulo e partem da rodoviária Grande Rio para o terminal Tietê. Durante a viagem o que o protagonista não esperava era acordar com uma ligação às dez horas da noite, no momento em que passava pelo Shopping Guarulhos. E para sua maior surpresa, quem estava falando era o amigo de Paulinha, Francisnight que ligou para saber se ela estava com ele, pois já fazia uma semana que a mesma não dava notícias. Desesperado, Francisnight diz a Marcelo que não há alternativa a não ser dar parte na delegacia sobre o desaparecimento da amiga.

Isso significaria que Marcelo e Brecão seriam os principais acusados pelo desaparecimento de Paulinha. Esse momento da trama é muito importante, pois configura uma movimentação maior no enredo. Dessa forma, o protagonista começa a lembrar de que ele e seu amigo foram os últimos a estarem com ela, além disso, foi Brecão quem a embarcou no táxi defronte o apartamento no Leme. A partir daí, Marcelo e seu amigo começam a traçar estratégias de defesa, através de levantamentos de hipóteses, a fim de justificar o desaparecimento de Paulinha:

Hipótese 1. A maluca pegou um táxi clandestino.

Hipótese 2. O taxista a levou pra Baixada Fluminense, a estuprou e desovou o corpo no aterro sanitário de Queimadas.

Hipótese 3. Em vez de ir pra Rodoviária, ela foi pro Corcovado.

Hipótese 4. Os outros órgãos serão despachado prum resort cinco estrelas muito discreto localizado em São Tomé e Príncipe, onde celebridades de Hellywood passam os finais de semana se drogando e consumindo restos mortais de putas made in Brasil.

Hipótese 5. Pegou a barca e foi pra Paquetá.

Hipótese 6:

- O vestido de puta.

- Que é que tem, Brecão?

-Ela trouxe o vestido na mala, Confere?

- Sim. Confere.

- Roupa de serviço, meu caro MM!

Hipótese 7:

- Quando eu liguei pra ela, naquela noite, lembro que Paulinha me disse que conversava com uma mulher debaixo de uma placa. (MIRISOLA, 2014, p. 114 a 115).

Diante desse desespero de Marcelo e a procura de respostas que pudessem responder suas dúvidas sobre o desaparecimento de Paula, finalmente a resposta vem à tona depois de uma semana, pois haviam achado o corpo dela numa praia em Mongaguá. Sua morte teria sido propositadamente provocada por overdose, isso se justifica por causa do bilhete que ela deixou para o protagonista. E assim nos diz sobre esse momento o narrador:

Depois de uma semana, acharam o corpo numa casa de praia em Mongaguá. Parada cardíaca. Ela havia misturado Lexotan com Rivotril e mais um nome de relaxantes musculares a base de ópio. Tinha jujuba na jogada e velas amarelas. Ao lado do corpo, uma garrafa de 5l pela metade, e um bilhete endereçado a mim “Fiz o que me pediu (...). Você nunca vai amar ninguém nessa vida”. (MIRISOLA, 2014, p. 119).

Quinze dias após a morte dela, ele recebe uma caixinha com o diamante que a mesma havia mandado para Marcelo, antes de provocar sua própria morte. Toda essa surpresa que a vida propôs a ele, através de Paulinha e Ariela, o fez refletir e chegar a conclusão que em menos de dois meses, ele tinha se apaixonado por duas mulheres. Paulinha, a primeira mulher, além de ter se suicidado, desejou uma praga para ele, mas isso não o incomodou, pois confessa ter outras prioridades na vida e que o amor não é tudo. Depois de se aventurar com as duas mulheres e terminar se decepcionando com ambas, o protagonista além de redê-se ao destino inserto que sua vida amorosa lhe propõe, também declara, que ter se relacionado com Paulinha e Ariela não foi fácil:

(...) A vida que eu levava também não me dizia respeito, porque era avida que eu vivia em função dessas piradas que apareciam e desapareciam no meu caminho, como se eu não tivesse a opção de escolher a solidão, como se a sentença que elas aplicavam a si mesmas, o amor demais, resultasse, no final das contas, correta, porque invariavelmente me incluíam/excluíam e assim formavam o veredito delas “não amarás”. (MIRISOLA, 2014, p. 121 a 122).

Refletindo sobre sua trajetória de vida entrelaçada com essas mulheres, Marcelo volta um pouco no tempo e lembresse-se dos feitos de Ariela, recordações de momentos que passaram juntos em SP. É interessante destacar, que nesse despertar de lembranças ele retrata o espaço por onde passou de táxi pela Marginal do Tietê com Ariela a caminho para Guarulhos. O espaço apresenta uma mistura de cores oscilando entre alaranjado e cinzento,

cores que correspondem ao céu poluído de São Paulo, ou seja, a cor cinza representa a poluição, enquanto o laranja-fanho como ele assinala, representa o sol imerso nessa poluição tentando nascer.

Depois da morte de Paulinha o protagonista só se lembra de Ariela, e é justamente nela que ele encontrará o seu refúgio efêmero. Para isso, o primeiro passo que ele dá é ligar para Ariela a fim de convidá-la para ir a sua casa, apesar dela não aceitar esse convite, o desbloqueia do Facebook, facilitando assim uma oportunidade ideal para suas investidas. Nas últimas páginas do romance, é possível perceber que Marcelo admite ainda amar Ariela, mesmo depois de tê-lo traído com o escritor, porém declara ter jogado esse amor no lixo da mesma forma que jogou o diamante. Ele também retrata que as bijuterias combinavam bem com os dois, pois ambos sabiam mentir perfeitamente, tinham grande sintonia no sexo e se divertiam com qualquer bobagem. Segundo Marcelo, seu romance com Ariela era uma mistura de mentiras e felicidades combinada com maconha e pizza.

No *ultimatum* desta obra, Marcelo confessa sentir-se ressuscitado após Ariela tê-lo desbloqueado do Facebook, e afirma: “(...) de uma tacada só passei a acreditar não só na minha ressurreição virtual, mas sobretudo no amor de Ariela”. E foi numa Quinta-feira de carnaval onde tudo recomeçou, porém Marcelo só não esperava ela está morando em Guarulhos, e afirma que a fim de consumar a reconciliação comete o deslize de ir até lá em três etapas, e assim descreve:

1. A primeira reconciliação aconteceu quando atendi o celular e não mandei volta pro bitinique de padaria.
2. A segunda reconciliação aconteceu no mundo virtual mesmo, via facebook (...).
3. E a terceira reconciliação, carnal e de fato (...). Tive de largar o computador, pegar o ônibus executivo na Praça da República e ir até o aeroporto de Cumbica. De lá, subi num táxi e segui até o Plaza qualquer coisa de Guarulhos, suíte 63. (MIRISOLA, 2014, p. 121 a 122).

É nessa suíte 63 onde Marcelo e Ariela se reconciliam e consumam seu ato de amor. Depois ela volta ao trabalho e promete reiniciar o ato após o expediente, às 19 horas. Nesse ínterim, ele diz que adormece e tem um pesadelo justamente com Ariela. É interessante frisar que essa personagem não só é o pesadelo do protagonista enquanto ele dorme, mas em sua própria vida. Pudemos perceber isso desde o início, o meio e fim do romance, ela sempre foi seu pesadelo, seu abismo, porém convidativo, prazeroso e divertido como ele destacou em vários momentos da narrativa. Entretanto, nesse pesadelo ele retrata Ariela como uma menina de 17 anos grávida de um garoto da mesma idade, que é seu esposo Gui.

Neste momento da história Marcelo destaca alguns detalhes do casamento de Ariela, a convivência com seu marido e seu filho.

Já nos momentos finais da trama Marcelo argumenta que Ariela enxergava poesia em meio a toda essa traição, mentira e adultério e foi justamente esse egoísmo dela que o fez expulsá-la para sempre de sua vida. Assim se expressa:

Que fazia Ariela enxergar poesia onde somente existia egoísmo, solidão e desespero. Eu sabia do fosso, e muito raramente conseguia ser sincero comigo mesmo, como dessa vez consegui: a enxotei do quarto de hotel. O próximo passo era chamar um taxi ou uma ambulância para me remover dali. (MIRISOLA, 2014, p. 138).

Foi em pleno carnaval em Guarulhos que Marcelo deu seu último adeus a Ariela e pegou qualquer táxi que passava nas imediações do hotel e saiu sem destino. Lembrou nesse estante deplorável de sua vida, da praga que a cigana havia endereçado a ele: “você nunca vai encontrar ninguém nessa vida”. Mas, contenta-se e afirma ter chegado a esse ponto por amor. Ele também menciona Hosana nas alturas, para fazer refletir sobre o título da obra e percebemos que de fato são expressões totalmente inversas, *Hosana na Sarjeta*. Ele menciona Van Gogh e Jesus Cristo, a fim de justificar que mesmo sua tentativa tendo dado errado, valeu a pena tentar, e afirma:

- Se fosse assim – prossegui -, nada disso faria sentido, e nenhum sacrifício teria valido a pena. Van Gogh não teria pintado a noite esburacada nos cafés e Arles e Jesus Cristo teria morrido de pijama por uma humanidade que o glorificaria de pantufas. Hosana nas alturas! Aleluia! – Aleluia! (MIRISOLA, 2014, p. 139).

A obra analisada foi de suma importância para a natureza desse estudo, pois nos possibilitou conhecer a trajetória do anti-herói Marcelo no romance, bem como o relacionamento amoroso/íntimo dele com as duas mulheres: Paulinha e Ariela. Os deslocamentos geográficos do narrador nos possibilitaram enxergar a ambientação no decorrer de toda a trama, desde o início, na Ilha da Sumatra, passando por São Paulo e Rio de Janeiro, terminando na Serra da Canastra, com sua família. A linguagem empregada pelo narrador é um ato de transgressão, pois mistura erudição, humor e obscenidade, fazendo com que o leitor prenda a atenção na obra e sintam-se desafiado a continuar a leitura. Além disso, a trama é envolvida por problemáticas sociais, entre estas, podemos citar a mais culminante, responsável por nortear a vida do narrador, do início ao fim, que é a traição. Contudo, podemos considerar que a obra é de extrema relevância na literatura contemporânea, e o autor Marcelo Mirisola é um precursor da auto-ficção.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance é considerado um gênero narrativo em prosa muito importante na Literatura. Essa narrativa surgiu no início do século XVII, com o Dom *Quixote de La Mancha*. A convivência com esse tipo de texto nos faz despertar o interesse pela leitura e conhecer um mundo fictício onde personagens vivem o dia-a-dia de uma sociedade marginalizada ou até mesmo idealizada, depende da natureza do gênero e do feito literário do autor. Uma grande obra deixa o leitor com uma experiência extraordinária, que com certeza irá instiga-lo a ter uma visão de mundo diferente. A leitura de um romance é tão benéfica que uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, em 2014, mostra que ler um romance causa mudança nas conexões neurais similares às que ocorriam se a pessoa realmente tivesse vivido a experiência dos personagens fictícios.

Os termos desse fantástico gênero, com o passar dos tempos, foram se aproximando e marcando acontecimentos importantes em cada época, se transformando em um retrato da sociedade vigente. A obra analisada nos permite perceber que o narrador se aproxima do leitor, utilizando-se da linguagem em primeira pessoa. Esse caráter inovador confere ao romance uma importância capaz de despertar no público leitor expectativas, fazendo com que a obra não seja esquecida e continue sendo lida. Sobre a literatura de Mirisola, o professor Jardel Dias Cavalcanti, da Universidade Estadual de Londrina, em nota, afirma:

Despojada de qualquer artifício “literário”, de qualquer linguagem propositada e artificialmente liricizante, sua literatura é disputadora na escolha das palavras, dos temas e da ambientação onde a vida de seus personagens trafega. Geralmente de forma trôpega. (ex: Hosana na Sarjeta, de Marcelo Mirisola. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/> acesso em: 05/10/2016).

De acordo com essa afirmação, é verídico dizer que a trama da obra analisada se utiliza de fato de uma linguagem despojada, cheia de artifícios, que se configura por meio da voz do narrador e das personagens. A caracterização da personagem Paulinha, com seu chapéu de poodle alinhado em cima da carapinha oxigenada, é um traço importante, que representa a genialidade do escritor, ao trabalhar na obra personagens com características físicas que conseguem provocar humor. O irmão de Marcelo, Xororó, também transmite um teor cômico que suscita o riso, tanto pelo nome, quanto pelas ações na narrativa, pois só fala em açudes, peixes, incubadoras e cativeiros. Quando o escritor traz para a obra as figuras de Chitãozinho e Xororó, representando o pai e o irmão de Marcelo, ele está fazendo uma

crítica à dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó e a um certo tipo de cultura de massa, pois através da fala do narrador observamos isso:

Amor paixão, paixão, obsessão, grude – feito o fio de cabelo comprido berrado pelos irmãos Chitãozinho & Xororó no CD da camionete. (MIRISOLA, p.43).

Quanto aos enfoques teóricos que deram suporte a nossa pesquisa, um aspecto que chamou atenção, no que diz respeito ao romance contemporâneo, é seu caráter auto ficcional, que permite a personagem, autor e narrador dividirem o mesmo espaço ficcional, amplificando um gênero inovador que se transformou em tendência na literatura contemporânea. O texto autobiográfico permite a introdução na obra de sentimentos, sonhos, frustrações e todo tipo de introspecção do escritor, através de seu feito, de sua construção, com base no que viveu.

No romance analisado foi possível perceber as ações do narrador e das personagens centrais, em todos os espaços da obra, como se as emoções e ações vivenciadas por elas fossem fatos reais. Os temas abordados na obra de Marcelo Mirisola não são estranhos para os leitores assíduos de suas obras, pois amor, sexo, traição, política, drogas e entre outros envolvem as personagens e o protagonista no transcorrer da narrativa e são conhecidos dos leitores adulto e urbanos. O obsceno vem a ser instrumento de sua marcante linguagem, cenas de sexo norteiam a trama e marcam muitos momentos calorosos entre o narrador e as duas mulheres que atravessam seu caminho, Paulinha e Ariela. Para melhor concretizar essa afirmação, vejamos os argumentos de Luís Augusto Fischer sobre a o romance *Hosana na Sarjeta*, ao jornal *Folha De S. Paulo*:

O varejo do texto é mais do mesmo, do conhecido estilo de Mirisola, para o bem e para o mal: cenas de sexo, abordadas não para efeitos de encantamentos ou transcendência, de qualquer tipo, mas para a exposição de degradações, de perdas, algumas vezes decorrentes de prazer físico; o narrador sempre herói, ainda que em negativa com muita autocomiseração; o horizonte social e humano sempre deprimente, na vizinhança de bandidagem e imerso em desagregação; a cidade e o espaço social dos personagens sempre regressivo, meio fantasmagórico, em que, porém, o narrador encontra motivos de gozo. (ex: Crítica: Final redime 'Hosana na Sarjeta', livro com começo errático. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/> acesso em: 05/10/2016).

Ao refletirmos sobre todas essas afirmações, chegamos à conclusão que a inserção de aspectos autobiográficos nos romances contemporâneos é a massa de manobra essencial; mais do que uma estratégia, é uma ferramenta necessária nas mãos de um romancista apto a escrever um romance, que através de sua linguagem inovadora exercerá a função de persuadir o público leitor e fazê-lo sentir-se em meio a esse mundo ficcional.

## 5.REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Marlan Pereira de Souza. *O ensino da literatura no ensino médio e os PCNs*. FABRA: Faculdade Brasileira. Serra, 2012.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

CANDIDO, Antônio. A personagem de ficção. In *A personagem do romance*. São Paulo-SP: Perspectiva, 2002. (p. 53-80).

FERNANDES, Rinaldo. *O conto brasileiro do século 21*. Curitiba: Edição de maio/2010.

KOTHE, R Flávio. *O herói*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MIRISOLA, Marcelo. *Hosana na Sarjeta*. São Paulo: Editora 34, 2014.

RESENDE, Beatriz. *Expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio Janeiro. Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008. (p. 15-40).

ZAMPIERI, Ana Maria, no artigo sobre *O que leva à traição? Descubra os principais motivos*. Disponível em: <https://vidaeestilo.terra.com.br/sexo/o-que-leva-a-traicao-descubra-os-principais-motivos,aa5233de42e09310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html> =acesso em 05/09/2016.

LUCAS, Isabel. Entrevista Marcelo Mirisola sobre “*O obsceno e o religioso são dois divinos*”. Disponível em: <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/marcelo-mirisola-o-obsceno-e-o-religioso-sao-os-dois-divinos-1734925> = acesso em 08/09/2016.

CAVALCANTE DIAS, Jardel. *Hosana na Sarjeta, de Marcelo Mirisola*. Disponível em: [http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=4058&titulo=Hosana\\_na\\_Sarjeta,\\_de\\_Marcelo\\_Mirisola](http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=4058&titulo=Hosana_na_Sarjeta,_de_Marcelo_Mirisola)= acesso em 04/09/2016.

TRIGO, Luciano. Entrevista Marcelo Mirisola sobre “*A literatura brasileira virou um sofá da Hebe Camargo*” Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/marcelo-mirisola-literatura-brasileira-virou-um-sofa-da-hebe-camargo.html> = acesso em 08/09/2016.

FISCHER, Luís Augusto. *Crítica: Final redime ‘Hosana na Sarjeta’, livro com começo errático*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1541404-replica-resenhista-de-hosana-na-sarjeta-nao-se-redime-no-final.shtml>= acesso em:05/10/2016.

DENSER, Márcia. *O filósofo do indivisível*. Disponível em:  
<http://congressoemfoco.uol.com.br/opiniao/colunistas/o-filosofo-do-indizivel/> = acesso em 10/08/2016.

O Estado de S.Paulo, reportagem sobre *Brasil tem 1 denúncia de violência contra mulher a cada 7 minutos*. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-1-denuncia-de-violencia-contra-a-mulher-a-cada-7-minutos,10000019981>= acesso 10/09/2016.

AQUINO, Vanessa. Notícia sobre *Gênero da autoficção vira tendência na literatura contemporânea*. Disponível em: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/01/13/interna\\_diversao\\_arte,407518/genero-da-autoficcao-vira-tendencia-na-literatura-contemporanea.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/01/13/interna_diversao_arte,407518/genero-da-autoficcao-vira-tendencia-na-literatura-contemporanea.shtml) Acesso em 05/10/2016.